



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ANGELA BRÊTAS GOMES DOS SANTOS**

**(depoimento)**

**2018**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-873

**Entrevistada:** Angela Brêtas Gomes dos Santos

**Nascimento:** não informado

**Local da entrevista:** Belo Horizonte

**Entrevistador:** Mayara Cristina Mendes Maia e Johanna Ermacovitch Coelho

**Data da entrevista:** 16/06/2018

**Transcrição:** William Charles Osório Gomes

**Copidesque:** Suellen dos Santos Ramos

**Pesquisa:** Bruna Moraes Costa e Suellen dos Santos Ramos

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 45minutos e 57segundos

**Páginas Digitadas:** 15 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Formação; Atuação na Universidade Federal do Rio de Janeiro; Envolvimento com a temática do lazer; Grupos de pesquisa; Projetos realizados; Lazer como direito; Violência; Lazer e Cultura; Programa Segundo Tempo; Programa Esporte e Cidadania e Programa Virando o Jogo; Experiências com comunidades periféricas; Considerações finais.

Belo Horizonte, 16 de junho de 2018. Entrevista com Angela Brêtas Gomes dos Santos a cargo das pesquisadoras Mayara Cristina Mendes Maia e Johanna Ermacovitch Coelho para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

M.M. – Professora primeiramente muito obrigado pelo aceite da entrevista. Eu já te conheço mesmo você não me conhecendo, das leituras, dos estudos, das suas palestras pela UFRN<sup>1</sup>. Então eu fico muito feliz, e estou iniciando com essa fala porque eu realmente estou me sentindo privilegiada de poder entrevistá-la.

A.B. – Ai que linda. [risos]

M.M. – E eu gostaria, apesar de eu já saber muitas coisas, eu gostaria que você falasse um pouco como foi a sua formação dentro do esporte e do lazer.

A.B. – Eu entrei para a universidade, eu trabalhava com... Eu fiz graduação em Licenciatura em Educação Física na UERJ<sup>1</sup> e trabalhei com crianças na escola e surgiu a oportunidade de trabalhar na universidade como técnica e eu fui trabalhar com crianças em creches e escolas comunitárias ali da Maré<sup>2</sup>. Eu sempre trabalhei com criança e fui trabalhar na Maré dando assistência a essas creches e escolas comunitárias. E aí surgiu a oportunidade de fazer um... Eu era técnica administrativa, entrei como técnico desportivo na universidade. E surgiu uma vaga para professor substituto na escola de Educação Física na área da recreação, era uma disciplina chamada Recreação, eu fiz e passei. Em 1993 fiquei como substituta 1993, 1994 e entrei no mestrado em 1994, no mestrado em Educação na Universidade Federal Fluminense. Na época não eram dois anos o mestrado, eram quatro anos. Aí fiz o mestrado em Educação na área relacionando a Educação Física com a alfabetização, trabalhei com a psicologia soviética em uma outra perspectiva do que a gente costuma ver e eu fui pela psicologia soviética. E nisso eu defendi, houve um concurso para professor da universidade, professor adjunto, na época era professor assistente, eu fiz, passei e em 1996 tomei posse como professora assistente da Escola de Educação Física e Esportes da URJ.<sup>3</sup> Eu trabalhava com essa disciplina Recreação, era

---

<sup>1</sup> Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

<sup>2</sup> Complexo da Maré, bairro localizado na cidade do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio de Janeiro.

recreação e sempre numa perspectiva assim bem, como é que se diz, crítica, porque eu não entendia essa disciplina como um espaço apenas de jogar, assim, para brincar. Só brincar eu posso brincar na rua, no *play*, eu posso brincar em qualquer canto, professor só brinca, é babá, e não é isso né. E eu comecei a pensar essa disciplina estabelecendo outras relações e nesse meio tempo o Victor Melo<sup>4</sup> entrou para o meu departamento. Eu sou do Departamento de Ginástica da Escola de Educação Física e o Vitor entrou revolucionando e abrindo espaços e iluminando a cabeça de todo mundo, que ele tem essa capacidade, não é. E ele criou o Anima<sup>5</sup> que reunia as pessoas, ele trouxe essa discussão do lazer e ele reuniu alunos e professores interessados na discussão do lazer. Então eu comecei a pensar a minha disciplina na relação com o lazer e com a infância... Eu não entendia a disciplina apenas como uma questão da infância, porque o lúdico é inerente a vida, então eu não percebia uma discussão centrada na infância. E o Victor ajudou a estruturar isso também, mas a minha participação no grupo era para discutir o lazer e a infância, apesar de ampliar isso na discussão, na disciplina. E o Anima foi crescendo, outras pessoas entraram e tal, a gente fez algumas ações junto ao SESC<sup>6</sup>, ações comunitárias e de lazer junto a projetos do SESC. E a gente foi ganhando corpo, ganhando consistência, propriedade, aprofundando as temáticas, os estudos. Eu já era doutora. E o Anima foi o ponto de partida e fui fazer o doutorado... Eu fiz a graduação na UERJ, o mestrado na UFF, na Educação, e fui fazer o doutorado também em Educação na UERJ, no programa de pós-graduação na Educação da UERJ. Eu estava interessada em estudar vilas olímpicas, sempre com a infância assim, sempre com a questão da infância e eu entrei em um grupo que estudava direitos da juventude, da infância e da juventude, a gente estudava o ECA<sup>7</sup>, a gente começou a estudar o Conselho Tutelar e tal. E nesse percurso eu me deparei com um professor chamado José Gondra<sup>8</sup>, que é um cara fantástico da História da Educação, e ele abriu o espaço para história para mim. Então no doutorado eu acabei estudando a história do lazer operário, estudei o Serviço de Recreação Operária, também tive obviamente contato com a Christiane que estudou o mesmo serviço, com a Christianne Werneck<sup>9</sup> aqui da UFMG<sup>10</sup>

---

<sup>4</sup> Victor Andrade de Melo.

<sup>5</sup> Grupo de Pesquisa Anima – Lazer, Animação Cultural e Estudos Culturais.

<sup>6</sup> Serviço Social do Comércio.

<sup>7</sup> Estatuto da Criança e do Adolescente.

<sup>8</sup> José Gonçalves Gondra.

<sup>9</sup> Christianne Luce Gomes Werneck.

<sup>10</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

que estudou o mesmo serviço, mas ela foi numa perspectiva, eu fui em outra. Eu fui por outro caminho, eu estudei os dois primeiros anos de criação de serviço. Eu trabalhei com Foucault<sup>11</sup> nessa pesquisa, muito com Foucault, com outros... Foucault na perspectiva do Foucault historiador, das ferramentas que o Foucault nos oferece pra estudar história e outros autores também. E nesse meio tempo apareceu o convite pra trabalhar no Programa Segundo Tempo a partir do Victor que era o coordenador do Programa Segundo Tempo. O Victor formou equipe, eu estava nessa equipe e gente entrou nesse caminho das políticas públicas de esporte e lazer. Eu fiquei... O Victor saiu e a coordenação passou para a minha mão, agora eu tenho muita dificuldade com datas e ano e tal, isso tenho dificuldade. Foi pra minha mão, eu fiquei como coordenadora e a Mônica<sup>12</sup> ficou na coordenação comigo. E o Programa Segundo Tempo no Rio cresceu, foi formado uma outra equipe com o professor Antônio Jorge<sup>13</sup> e eu acabei saindo por situações particulares mesmo. Eu sai e a Mônica ficou como coordenadora dessa equipe e acabou que a nossa equipe foi sendo diluída, ela foi diluindo, emagrecendo e a gente passou para a equipe do Tony<sup>14</sup>. Para o Programa Segundo Tempo, a gente produziu um material, nesse meio tempo, na relação com o Anima; a gente produziu um material para o Jovem Aprendiz, a gente produziu material para o Sesc<sup>15</sup>, a gente produziu... No PST<sup>16</sup> a gente enfrentou uma briga muito grande para colocar o tema do lazer, inserir o tema do lazer no livro. Quando a gente chegou já havia um primeiro livro, a gente diz o livro verde<sup>17</sup> e a gente: “É esse mesmo?” “É!” Era o verde e depois veio o outro que era o branco<sup>18</sup>. É, então, entre o verde e o branco... Assim, o verde foi a primeira produção do PST, havia ali intenção em confronto, havia algumas visões diferentes e tal. Aí do livro verde para o livro branco a tensão aumentou, principalmente com a entrada do lazer, que a gente defendia a entrada do lazer, mas a gente tomou muita pancada com essa temática porque eles não entendiam o PST como um projeto de lazer. E a gente defendia que era um projeto de lazer. A gente brigou por isso e o tema entrou no livro branco e houve essas mudanças, eu acabei saindo e fui cuidar da minha vida na universidade. É para falar desse projeto agora?

---

<sup>11</sup> Michel Foucault.

<sup>12</sup> Mônica Borges Monteiro.

<sup>13</sup> Antônio Jorge Soares.

<sup>14</sup> Apelido do Antônio Jorge Soares.

<sup>15</sup> Serviço Social do Comércio.

<sup>16</sup> Programa Segundo Tempo.

<sup>17</sup> Material Didático para o Processo de Capacitação do Programa Segundo Tempo.

<sup>18</sup> Fundamentos pedagógicos do Programa Segundo Tempo: da reflexão à prática.

M.M. – Isso.

A.B. – Então, no final do ano passado, eu acho... Eu fui cuidar da minha vida, eu tinha um projeto já que esse ano está completando dez anos, que é o “Esquina: cidade, lazer e animação cultural”, a gente começou também discutindo lazer, dando início a uma experiência que foi muito rica, que foi a experiência que, ela foi meio que uma continuidade de uma pesquisa que o Victor fez no Anima, que era Lazer e Minorias Sociais, uma pesquisa dentro desse grupão, era lazer e prostituição na Vila Mimosa lá no Rio de Janeiro. Aí eu peguei essa pesquisa, essa temática do lazer e da prostituição e no meu grupo Esquina a gente começou a trabalhar com cinema e fotografia na Vila Mimosa, que é a área de prostituição do Rio de Janeiro atualmente, quer dizer, uma delas.

M.M. – Você deu até uma oficina de...

A.B. – É, de cinema. Exatamente.

M.M. – O minuto.

A.B. – Isso, o Cinema Minuto, que a gente foi lá para cima na UFRN<sup>19</sup>. E assim, dentro do Esquina a gente trabalhou... A gente começou com um projeto com as prostitutas na Vila Mimosa e era um projeto que a gente projetava, um projeto que a gente exibia filmes na parede, era bem em uma esquina. Muito engraçado que a gente chamou de Cine Esquina, que era bem numa esquina assim, as pessoas saíam dá... A Vila Mimosa fica cravada no finalzinho da região, era uma rua e a saída da rua dava de cara para uma parede onde a gente exibia os filmes. E a gente começou a perceber que os filmes tinham que ser... Tinham as crianças que moravam por ali, muitos deles filhos de prostitutas e a gente pensou em exibir filmes para eles também. A gente exibia filmes para criança dentro dessa associação de prostitutas, tinha uma associação de prostitutas lá e foram para os adultos. Foi uma experiência... O Esquina nasce nessas experiências de cinema no meio da rua. Depois a gente foi... Aí essa história terminou de uma maneira muito estranha porque a presidente da associação de prostitutas achou que a gente, queria ser puta também, a gente não queria ser puta, a gente não queria concorrer com ela, ela ficou com ciúme por algum

motivo, porque “por algum motivo”, a gente fazia relações que elas não faziam, a gente estabelecia relações ali de parceria com o comércio local que ela não fazia, ela ficou meio enciumada e começou a criar uns problemas. E não foi muito legal a nossa saída de lá, mas nós saímos porque mais vale uma pelezinha do que uma cicatriz na carne. Então, eu não quero tomar navalhada, deixa que está muito bom. A gente saiu de lá e nisso a gente já tinha uma relação o Sesc, eu conheci um professor coordenador da área de lazer do Sesc de Ramos<sup>20</sup>, ele nos convidou pra desenvolver um projeto cinema e esporte no Sesc de Ramos com crianças, com adolescentes do Complexo do Alemão, ali daquela região de favelas do Alemão. Eram alunos de uma escola municipal e a professora de Educação Física tinha sido minha aluna na UFRJ. E foi um projeto muito legal que a gente desenvolveu de cinema e esporte e, a partir daí, a gente foi por esse caminho, cinema, fotografia, produção... Assim, a gente pensava que os meninos e as meninas não poderiam ser apenas consumidores de cultura, mas eles poderiam ser produtores de cultura. Aí que a gente começou a trabalhar com Cinema Minuto, com Minuto Lumière e os meninos da época, os bolsistas, eles tinham conhecimento de edição de imagens, edição de filmes e, nossa, as produções foram muito legais. Depois a gente foi com o mesmo... Aí esse projeto acabou, a gente foi para o Ciepe Professor Cezar Pernetta, trabalhar com adolescente também nessa perspectiva de Cinema Minuto, a cidade como equipamento de lazer cujo acesso é direito de todos, então com esse grupo a gente... Era na Maré também, entendendo a Maré, como um território a ser explorado também, aí a gente saía com fotografia, eles tiravam fotografia, a gente conseguiu um auxílio da FAPERJ<sup>21</sup> e comprou máquina fotográfica... A gente comprou máquina fotográfica, dava na mão deles assim para eles fotografarem a Maré, a gente saía da Maré ia para a Lapa<sup>22</sup> e para o bondinho e andava pela cidade, assim, na região do Saara que é o Rio mais antigo, uma região antiga da cidade. Então assim, a gente fez uma produção muito voltada para isso, a cidade, o acesso à cidade, o direito ao lazer, o direito à produção cultural usando o cinema e a fotografia. E nesse projeto do Ciepe a gente usou literatura, poesia, a gente... Foi muito legal. Ai depois disso... A gente ainda fez mais um projeto, a gente tentou fazer com as mães no Ciepe, não deu muito certo e as coisas mudaram um pouquinho porque eu fui chamada para participar de um projeto de Educação Física de jovens e adultos, quer dizer, o projeto que era um programa de

---

<sup>19</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

<sup>20</sup> Bairro da cidade do Rio de Janeiro.

<sup>21</sup> Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro.

<sup>22</sup> Bairro da cidade do Rio de Janeiro.



EJA<sup>23</sup>, alfabetização pra jovens e adultos e era participação da Educação Física nesse projeto e eu fui coordenar essa participação. Em paralelo a isso, porque as coisas na universidade acontecem muito assim em paralelo, eu recebi também um convite para trabalhar em um outro programa, era um programa de inclusão social da vila residencial da UFRJ, que na UFRJ tem uma vila de moradores. E a gente começou a trabalhar lá com ginástica, com exercícios físicos específicos para prevenção de quedas de adultos e idosos. Até hoje... Agora eu entrei para a gestão, sou vice-diretora daquela escola<sup>24</sup>, então, o projeto está assim meio cambeta, meio morrendo. Porque as pessoas vão se formando e aí na gestão eu não tenho... Eu estou com uma turma de primeiro período, mas a minha disciplina é de quinto período, quarto, quinto período, então, eu pegava um pessoal mais maduro, eu via com quem eu queria trabalhar e trazia. Essa oportunidade eu perdi, mas o pessoal se encaminhou, o pessoal que trabalhou comigo nesse projeto de exercício físico para a prevenção de quedas de adultos e idosos, todo mundo se encaminhou nessa área, alguns estão na residência multiprofissional da UFF<sup>25</sup>, outro estão em clínica de saúde da família, todos trabalhando com idosos. E foi isso. Aí, no final de 2017, eu acho que início de 2018, é, final de 2017, o Hélder<sup>26</sup> me liga: “Angela, a gente está com um programa aqui, um projeto aqui de enfrentamento, de ação social, projeto emergencial para o Rio de Janeiro e que tem a ver com violência, você pega?” “Eu pego!” “Você quer coordenar?” “Eu quero.” Eu não sabia direito o que era, mas é o Hélder, eu não vou dizer não. Respondi: “Claro!” “Então a gente vai conversando, não sei o quê, não sei o quê, não sei o quê”. A gente começou a conversar e: “Tem que formar uma equipe.” Eu já sabia com quem eu queria trabalhar, não tem jeito, é aquela velha história, eu sempre escolho com quem eu quero trabalhar, então, tem um aspecto assim afetivo muito forte. Ai eu já tinha a Laurita<sup>27</sup> tinha sido minha bolsista, Mônica tinha sido do Anima, a gente tinha trabalhado no PST, o Nei<sup>28</sup> tinha trabalhado no PST, o Pipo<sup>29</sup> tinha sido meu aluno e ficou meu amigo, então, todos eles tinham sido meus alunos e ficaram meus amigos. E eu confio muito no trabalho deles, então, é um bando de gente maluca, mas a gente dá uns apertões de vez em quando, dá uns beliscões e eles ficam no lugar direitinho, mas eles são super competentes,

---

<sup>23</sup> Ensino de Jovens e Adultos.

<sup>24</sup> Escola de Educação Física e Desportos da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>25</sup> Universidade Federal Fluminense.

<sup>26</sup> Hélder Ferreira Isayama.

<sup>27</sup> Andréia Laurita Vieira.

<sup>28</sup> Nei Jorge dos Santos Júnior.

<sup>29</sup> Felipe Rocha dos Santos.

super criativos. Então assim, as primeiras pessoas que vieram para esse projeto<sup>30</sup> foram a Mônica, o Pipo, a Laurita e o Nei. Aí a gente precisava de alguém que tivesse experiência com lutas e a gente chamou o Bira<sup>31</sup> e a Renata<sup>32</sup>, ela é de capoeira e ele de judô. E pessoas que tivessem experiência com planejamento e a gente chamou a Márcia<sup>33</sup> e o Erik<sup>34</sup>. Então assim a gente foi formando com pessoas que eu gosto e que eu sei que são competentes. E depois vieram os novos do grupo que são os meninos que foram meus bolsistas nesses projetos que eu falei, de Educação Física na EJA e lá com os que ainda, terminaram, mas que voltaram para a Escola para fazer outra graduação. Foi o Flávio<sup>35</sup>, o Busta<sup>36</sup>, algumas pessoas que é... O João<sup>37</sup> e o Delei<sup>38</sup>, que foram meus alunos, meus bolsistas e que são inexperientes, em um projeto como esse, desse tamanho, mas a gente faz questão de trazer e falar: “É assim, vamos embora”. A ideia de ir junto, de pegar na mão, de sabe, sentar e: “Olha é assim, está afim?” “Estou afim professora.” “Então vamos embora”. E aí a gente está aqui.

M.M. – E o que propõe o Projeto Esporte e Cidadania?

A.B. – Então, ele tem o objetivo de responder, agora a gente entende assim mais amplamente, de responder a uma demanda específica, muito específica do Rio de Janeiro que é a de ações sociais de enfrentamento mesmo da situação bárbara, caótica, terrível que a gente vive naquele estado como um todo. Não apenas na cidade, no município, mas no estado todo né. Que é de uma violência que mata, uma violência que destrói famílias, que destrói as pessoas, que acaba com as vidas jovens, principalmente jovens negros e pobres. E esse projeto assim, deixando de lado as articulações políticas que a gente sabe que estão por trás, políticas eleitoreiras, a gente sabe disso. Mas, deixando isso de lado, tem uma ação muito importante de agir diretamente e fazer alguma coisa, sabe? O que a gente pode fazer com nosso conhecimento, com as nossas ações, com a nossa intenção de atingir aquilo que pode nos caber. Que nem tudo nos cabe, mas: “O que a gente pode fazer?”

---

<sup>30</sup> Programa Esporte e Cidadania e Programa Virando o Jogo.

<sup>31</sup> Ubirapuan Reynaldo.

<sup>32</sup> Renata Giovana de Almeida Martiello

<sup>33</sup> Márcia Moreno.

<sup>34</sup> Erik Giuseppe Barbosa Pereira.

<sup>35</sup> Flávio Cassiano Martins dos Santos.

<sup>36</sup> Marcelo Bustamanti Almeida Melo.

<sup>37</sup> João Baptista da Silva Neto.

<sup>38</sup> Wanderley de Castro da Fonseca Júnior.

Então, nesse sentido o projeto ele tem a intenção, o objetivo de democratizar o acesso ao esporte, ao mesmo tempo... A gente tem que tem alguns cuidados, porque não pessoas daqui da UFMG<sup>39</sup>, mas assim, em algumas pessoas do Ministério do Esporte a gente vê uma fala assim muito salvacionista, tipo assim: “O esporte salva, tira da rua...” A gente não quer dar atenção para isso entendeu? A gente quer trabalhar na perspectiva... Por isso que um dos eixos é o direito, a garantia do direito, a gente quer trabalhar nessa perspectiva da garantia do direito, a gente quer garantir que essas pessoas tenham acesso a um conhecimento que foi construído por todos nós, por todos homens e mulheres ao longo do tempo, que é o acesso a esse conhecimento referido ao corpo, ao esporte, ao movimento, ao gesto técnico qualquer que seja e ao corpo como expressão, como possibilidade de comunicação. E a gente quer agir nesse caminho.

M.M. – E dentro do projeto quais são as atividades que estão propostas?

A.B. – Então, são... Esse programa tem esporte e cidadania que tem uma relação com jovens que cumprem medidas socioeducativas nas unidades, no departamento geral de ações socioeducativas que é o Degase<sup>40</sup>. Então esses jovens eles têm... Aí de novo a garantia do direito, ele só está privado da sua liberdade, mas ele continua sendo uma pessoa humana e um cidadão com direitos que precisam ser garantidos principalmente... Isso é muito assustador porque as pessoas dizem: “Tem que matar, tem que morrer, tem que...” Então, assim, a Vivian nos ajuda muito nessa discussão porque ela traz para gente a possibilidade de fazer uma leitura e um aprofundamento do estudo, da temática para a gente poder se fortalecer porque a gente vai encarar isso nas capacitações. As pessoas que não entendem dessa forma e que é uma reação muito forte. Então a gente... E aí assim, os núcleos a ideia é que haja núcleos onde tem locais violentos para que esses jovens até vinte e um anos, não apenas os que estão no Degase, mas os jovens das comunidades possam acessar atividades de lutas, de esporte coletivo e individual, algumas tem danças, outras tem ginásticas. Ginásticas que na visita a gente viu ginástica tipo ginástica dê academia, aquela coisa bem, nenhuma... Como é que eu posso dizer, nenhuma tentativa de ginástica de solo, ginástica artística, não é isso, não, é ginástica dê academia mesmo: “Sete, oito, um, dois, três!” É isso. Lutas que podem ser variadas, pode ser qualquer tipo de luta e cem

---

<sup>39</sup> Universidade Federal de Minas Gerais.

<sup>40</sup> Departamento Geral de Ações Socioeducativas, órgão do Governo do Estado do Rio de Janeiro.

crianças por núcleo, as turmas tem que ter mais ou menos trinta crianças, durante algumas horas na semana que eu não estou lembrada quantas, mas... E o nosso trabalho da equipe é fazer o acompanhamento, o monitoramento dessas ações e a capacitação. A gente tem feito as visitas, uma coisa que não depende de nós que é essa relação com a UFF, que a UFF que é responsável por implantar os núcleos e colocar o núcleo para funcionar. Então, como é que é isso? A UFF escolhe os locais onde os núcleos vão ser implantados de acordo com as questões lá deles e contrata as pessoas que vão atuar naqueles núcleos. Faz também a relação, estabelece a relação com o Degase para que o núcleo aconteça nas unidades do Degase. E na unidade Degase tem os meninos que cumprem medidas lá dentro, que estão cumprindo medidas restritivas e existem aqueles que cumprem medidas que podem, eu não tenho o nome técnico, que é, que eles podem sair, eles ganham o direito de sair durante o dia para exercer essas atividades. E uma dessas atividades é o nosso projeto, mas a gente ainda não conseguiu acessar o Degase porque precisa de uma autorização da direção geral, a gente não conseguiu ainda e não somos nós não, é o povo da UFF que está cuidando disso. As visitas que nós fizemos até agora, então, de meados de maio até meados de junho, a gente visitou onze núcleos o que é pouco, mas porque também foram implantados cinquenta e seis núcleos inicialmente, e agora estão sendo implantados mais sete, então, será cento e cinquenta e seis núcleos. Só que tem uma dificuldade na implantação, tem uma dificuldade na contratação, tem uma dificuldade que a gente está percebendo durante as visitas a gente tem percebido isso. Mas a gente conseguiu visitar onze, a greve dos caminhoneiros atrapalhou um pouquinho que a gente tinha mais visita marcada, mas não conseguiu fazer, foi adiada. Bom, mas onze núcleos a gente já conseguiu visitar dos vinte e um que a gente teria que visitar nesse primeiro momento.

M.M. – E como foram essas visitas? Que que vocês já têm de dados? Não falo do quantitativo não, eu falo do qualitativo mesmo, digo das experiências acadêmicas.

A.B. – Então, o que a gente tem de muito positivo é que os núcleos estão, esses que a gente foi, estão funcionando. Então assim, a gente pode pensar: “Em alguns momentos eles maquiaram para gente ver.” Não tem problema, maquiaram, mas as crianças estavam lá fazendo, estavam com a camisa limpinha, novinha. Não tem problema, mas as crianças estão assim... O fato dá gente ir já causou um reboiço que já fez acontecer. Então os núcleos efetivamente estão funcionando, todos eles têm identificação, nem todas as

condições são as mais adequadas, mas todos eles têm materiais, alguns mais desgastados que os outros, mas todos eles têm materiais, alguns núcleos funcionam. Assim, uma coisa que a gente percebeu é que, isso acontece no PELC<sup>36</sup> também, existem núcleos, existem situações que já vinham ocorrendo né. Então, você é líder comunitário, você lá na sua área, lá você tem uma escolinha de dança ou uma escolinha de futebol, então você trabalha ali porque você quer e aí... E aí você recebe uma série de benefícios de material, é uniforme, a condição da capacitação, o acompanhamento, tudo isso você... Então a gente percebe, em alguns a gente percebeu isso, que eles já vinham acontecendo e que eles foram encampados.... A a gente percebeu que realmente foram implantados para aquilo ali, todos eles têm crianças, eles dizem que são cem crianças, a gente tem cento e noventa e cinco crianças... Mentira! Não tem. O cara diz... Aí a gente olha assim: “Poxa, tem sete!” A gente sabe das dificuldades também de contratação. Assim, tem uma desorganização, sabe? Um negócio meio... Mas a gente não está querendo dar ênfase a isso, a gente está querendo dar ênfase ao que tem de positivo. Então, o que tem de positivo? Eles estão trabalhando, eles estão atuando, as crianças estão lá, pode não ser no número que deveria, mas existem crianças e isso já... E a gente está se apegando a isso, agora nesse momento o que a gente pode fazer e é uma coisa que eu falo com eles assim: “Gente, a gente tem que se adiantar.” Porque quando você começa a trabalhar com o Ministério do Esporte ou com qualquer órgão público nesse nível, você sabe que as coisas são todas assim, rápidas: “Vamos fazer para ontem...” Tudo é muito para ontem. A gente se adiantou, preparou o material e o que a gente vai fazer agora é a capacitação, fechar algumas visitas que faltam e aguardar a autorização do Degase para visitar os núcleos...

J.C. – Mas tem núcleos que são só do Degase? Ou todos os núcleos tem um percentual que pega crianças do Degase?

A.B. – O que a gente sabe é que existem as unidades, são vinte e quatro unidades do Degase, vinte e quatro ou vinte e cinco, unidades do Degase no Rio de Janeiro. No Estado do Rio de Janeiro são... Então, o que está colocado no projeto é que todas as unidades do Degase vão ter o projeto, está colocado nas diretrizes é que todas elas vão ter projeto, vão ter acesso ao projeto. Mas a gente sabe que nem todas conseguiram implantar. Então, nós vamos visitar todas as unidades do Degase para ver o que está acontecendo em todas elas

---

<sup>36</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

ou pelo menos em todas... De verdade agora tem um número x que tem unidades do Degase funcionando, mas o que agente quer, a ideia é que todas as unidades do Degase tenham o projeto, a gente sabe que nem todas ainda, já tem, mas a gente quer ver o que tem. A gente ainda não conseguiu visitar nenhuma, a gente percebe que existem regiões do Rio de Janeiro, são oito regiões administrativas grandes. Então tem região, noroeste fluminense não tem nenhum núcleo, algumas regiões não têm núcleos implantados apesar de serem regiões violentas. A gente sabe também que nessa implantação a UFF faz articulações com a Secretaria de Desenvolvimento Social do município, com a Secretaria de Assistência Social do município, que são elas que encaminham esse casos que tem relação com os Conselhos Tutelares e que encaminham... Muitas vezes esses jovens que cumprem medidas socioeducativas que podem sair do Degase e ir para os lugares assim, tanto que no nosso formulário de acompanhamento, tem lá uma perguntinha: “O jovem cumpre medida socioeducativa? De que tipo?” Então assim, a gente sabe que existem e a gente ainda vai verificar como é que tá sendo isso. Mas assim, agora nesse momento a gente está trabalhando na capacitação, o grupo está dividido pra trabalhar na capacitação.

M.M. – Angela e você, tanto como coordenadora desse projeto e como estudiosa da área do lazer, que que você tem, digamos assim, de esperança para esse projeto específico?

A.B. – Olha, eu acho que existe uma distância muito grande entre o que está posto na diretriz e o que efetivamente acontece. Como em tudo o que é construído em... Na hora que ele vai ser implantado existe uma distância, a gente sabe disso, não é por falha da formulação teórica, não é uma falha da reformulação, é porque nesse caminho entre a formulação e a execução, muita coisa vai acontecendo e a gente sabe que as condições materiais que as pessoas têm. E aí essas condições materiais têm relação com a forma pela qual elas desenvolvem o trabalho. Então, assim, se o cara não tem bola, ele não pode ter futebol, ou então ele tem futebol com bola de meia, ou então com bola de lata, ou então com coco. Mas são essas condições materiais que vão fazer com que haja uma aproximação maior ou menor com o que está formulado. Então a gente está... O que você perguntou?

M.M. – A tua esperança.

A.B. – A minha esperança é que a gente consiga acessar o máximo de pessoas, sabe? Com todas as dificuldades, mas que a gente consiga primeiro... É o que eu falo no grupo, mudar a posição de algumas pessoas, fazer com que as pessoas saiam do lugar, eu entendo educação como mudar de lugar. Sabe assim, você sai do lugar que você ocupa, você olha outras coisas, você se mobiliza um pouquinho, você movimenta um pouquinho você já vê diferente, é isso. Óbvio que a gente vai ter muitas dificuldades para fazer com que as pessoas compreendam que existem diretrizes, que existem conteúdos, a gente vai. Mas esse choque assim, entre o que a gente tem e entre o positivo que aquela pessoa traz. Assim, eu tenho esperança que a gente consiga dialogar junto principalmente aos professores, professores e monitores, e tenho esperança que essas crianças, eles usam o termo beneficiados, eu não gosto desse termo, mas é o termo que está lá, que essas crianças e jovens beneficiados, possam realmente ter esse direito garantido sabe, porque assim, a gente está trabalhando muito e a equipe é toda muito comprometida e muito competente naquilo que ele se propõe a fazer. Eles são criativos, competentes, generosos, solidários, doidos, mas generosos, solidários. E a minha esperança é que tudo isso junto consiga modificar a vida lá na ponta de alguém entendeu. “Não, o cara vai ser o maior lutador da...” Não é nada disso, ser o maior, nem o melhor, que ele tenha a chance de ter acesso a esse repertório de movimento, de conhecimentos, de cultura porque, afinal de contas, tudo isso foi construído por muita gente ao longo de muito tempo. Então é direito de todos e todas terem acesso a esse conhecimento e a gente força muito a ideia da garantia de direitos, a gente quer garantir. Então a minha esperança é que a gente consiga garantir esse direito, sabe? A gente vai transformar o mundo? Não vai, a gente sabe que não vai. A gente vai...

M.M. – Mas o mundo de uma pessoa, de certa forma, para aquele movimento...

J.C. – Ou de um professor que vai multiplicar tudo isso.

A.B. – É isso, entendeu? E, assim, de que maneira a gente vai chegar lá na ponta com toda essa generosidade, criatividade, amor, e não é aquele amor piegas, babaca, não é isso, sabe? E nem é coisa do religioso, nem a coisa da assistência, não é isso, não é esse amor da caridade, se é que a gente pode dizer isso assim, é um amor pelo ser humano.

M.M. – Amar por amar.

A.B. – Isso. Então assim, se outro não está feliz, eu não posso estar feliz. Se me falta, a mim falta, entende? Então, de que maneira a gente pode tornar esse mundo melhor? Pode ser babaca, pode ser piegas, eu fico emocionada, mas é assim: “Caraca, por que eles não podem ter direito? Por que o menino jovem de dezessete anos tem que morrer igual um rato?” Nossa, enfim, mexe comigo muito, sabe! Então é nesse sentido assim de botar esse povo, essa energia, essa loucura deles todos para gente fazer alguma coisa, que seja próximo do impossível, mas que a gente faça sabe, que a gente encare isso, que a gente encare esse desafio, que a gente não fique de braços cruzados. “E aí tá todo mundo se fudendo e eu vou cuidar da minha vida aqui.” Não, não é, a gente não quer isso, sabe, e nenhum deles quer.

M.M. – Mas é essa batalha e vamos dizer, essa intervenção, que deveria estar acontecendo no Rio...

A.B. – É.

M.M. – É essa intervenção, não aquela com as armas, com bala, com...

A.B. – Intervir de dar bala, queimar mais meninos. Outro dia eu estava falando com a minha filha, porque eu moro na Tijuca<sup>41</sup> aí tem o *facebook* “Alerta Tijucano” e, de vez em quando, aparece na minha linha... E tinha uma foto de um rapaz jovem, ele estava em uma posição com sangue escorrendo e eu falei: “Ele está morto.” E os comentários: “É isso mesmo; morreu o filho da puta.” E ela disse: “Mãe, eu não consigo sentir raiva, eu não consigo dizer isso.” Eu falei: “Eu também não consigo.”

M.M. – O que levou ele até lá.

A.B. – A gente não sabe nada. E assim, eu não consigo sentir raiva, eu não consigo sentir, não consigo, não consigo, não tem jeito. Assim, isso, sabe de você fazer: “Poxa, se a gente conseguir que menos um, que menos dois, que menos três, que menos quatro morram...” A



gente têm um caso lá na Vila Olímpica, quando ela começou, o professor lá da escola me contou isso eu fiquei muito assim mexida com isso. Ele falou assim: “Poxa, tinha um menino que ia fazer aula com revólver na cintura.” Era aula de handebol e ele disse assim: “Professor, vou tirar o revólver e falava, eu vou deixar aqui.” Ou então: “Toma conta, guarda para mim que eu vou fazer a aula.” Acabava a aula ele ia embora, obviamente ele já está morto hoje, claro, eles não chegam aos trinta anos. Mas assim, caraca, não é aquela coisa: “Eu vou salvar a Pátria”, eu sei que não é. E é isso que eu falo para os meus alunos: “Todo professor é megalomaniaco.” A gente acha que vai consertar o mundo, mas a gente tem o limite que é dado pela conjuntura política, que é dado por isso tudo que a gente vive, por essa maluquice que a gente vive. A gente tem um limite na atuação, mas a gente quer estender esse limite, quer esticar, sabe. Vamos até onde a gente pode ir com isso, não é? E aquela outra coisa que eu falo muito, os meus alunos também: “A ação do professor é jogar uma moedinha num poço, não vai ouvir a moeda bater, mas um dia quem sabe talvez aquela moeda, enfim...” É muito diferente do cara que trabalha no banco, começa o dia com dez reais, termina o dia com cem. O professor não, você pega a moedinha, fala: “Ó, tum! Caraca, o poço não tem fundo, a moeda você não vai ouvir bater”, De repente tem um buraco que liga a gente lá no Japão, ai a porra da moeda vai lá, você fala: “Caralho, onde é que essa moeda vai parar?” Aí um dia você encontra o cara na rua: “Professor, porra, professor, eu lembro das coisas que você falou isso, falou aquilo lá, o livro que você deu”. É isso cara, assim, você não tem noção, você encontra os caras no *Facebook*, “Professora poxa, não sei o quê.” É isso, entendeu? É essa a esperança, dessa moeda um dia...

M.M. – Eu vou fazer uma pergunta, mas acho que você já respondeu muito e é a minha última pergunta. Depois se você quiser fazer algo, ou se você acreditar que a gente não te perguntou, mas você queira deixar registrado, também está aberto.

A.B. – Não, o que eu já chorei está bom. [risos]

M.M. – Mas você nos contou no início como o lazer entrou sua vida e eu queria saber como ele está hoje, como ele está inserido na tua vida hoje?

A.B. – Caraca, assim...

---

<sup>41</sup> Bairro da cidade do Rio de Janeiro.

M.M. – De transformação também.

A.B. – Na minha vida, não é?

M.M. – Angela Bretas, pessoa, não...

A.B. – Eu trabalho como uma louca assim, eu tenho... Na época que meu marido era vivo, ele dizia: “Porra, essa mulher trabalha demais. Para de trabalhar!” Mas ele dizia: “Caraca”... Mas assim, eu não consigo me ver sem trabalhar, isso é uma coisa que eu preciso, eu preciso.... Então, eu não consigo viver sem trabalhar, isso é um coisa ruim para quem trabalha com lazer. Mas ao mesmo tempo eu vou para o samba, eu vou para o shopping, eu vou à praia... *Shopping* não, *shopping* não. Eu vou para o samba, eu vou à praia, eu caminho, eu ando na rua, eu vou ao cinema, tomo chope, assim... Às vezes eu estou saindo do trabalho, de noite e ligo para casa: “Vou ao cinema” porque somos nós três, eu e a minha filha e meu filho, então eu... Namorados de vez enquanto assim também, que a gente leva [risos], e beijo na boca [risos]. Viajam... É isso, leio muito, adoro ficar em casa final de semana lendo meus livros. Agora eu estou em uma viagem, eu amo os árabes, estou lendo uns livros que falam dos árabes. E é isso: vou à exposições que me interessam, adoro andar pelo centro da cidade...

M.M. – Angela, muito obrigada, foi riquíssimo, uma aula de lazer do Brasil. Tem algo que você queira falar mais? Sobre o projeto, sobre...

A.B. – Não. O que eu queria dizer é que essa equipe desse projeto é maravilhosa, esse meu povo. [risos]

M.M. – Eu concordo. [risos]. Então muito, muito obrigada mesmo, a experiência foi muito rica.

[FINAL DA ENTREVISTA]